

DOI: <http://dx.doi.org/10.12660/gvcasosv10n2c15>

HORTA DA FORMIGA: UM LABORATÓRIO NO ECOSISTEMA SOCIAL DA AGRICULTURA URBANA

Horta da Formiga: a laboratory in the social ecosystem of urban agriculture

ANA CLARA APARECIDA ALVES DE SOUZA – clara.ufc@gmail.com

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Porto Alegre, RS, Brasil

Submissão: 30/06/2020 | Aprovação: 13/09/2020

Resumo

O caso discute o ativismo pela agricultura urbana em uma iniciativa denominada Horta da Formiga, considerada um laboratório social na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Pode ser aplicado em uma variedade de áreas do conhecimento e disciplinas, dado que a agricultura urbana tem se mostrado um fenômeno de interesse multidisciplinar.

Palavras-chave: Agricultura urbana, ecossistema social, voluntariado.

Abstract

The case discusses the urban agriculture activism in an initiative called Horta da Formiga, which is considered a social laboratory in the city of Porto Alegre, Rio Grande do Sul. It can be applied in a variety of disciplines and knowledge areas, given that urban agriculture has proved to be a multidisciplinary issue of interest.

Keywords: Urban agriculture, social ecosystem, volunteering.

Uma tarde de mutirão na Horta da Formiga

O ano é 2019, um bonito e agradável dia de domingo, e a Horta da Formiga precisa de manutenção. Para garantir os cuidados com o terreno, foi convocado um mutirão, por meio de um evento na página da Associação das Hortas Coletivas do Centro Histórico (AHCCH), na rede social Facebook®. O objetivo do encontro é irrigar, varrer, organizar as plantas, a composteira, o quartinho de ferramentas e, nesse processo, também pensar sobre os desafios de manter o movimento. Quem se habilita?

Durante o trabalho, a Presidente da AHCCH inicia uma conversa com umas das voluntárias:

– Tu viu que, no evento do Facebook®, chamando pra este mutirão, tinha mais de 50 pessoas confirmadas? Aí, a gente chega aqui, e aparecem cinco... Estou ficando cansada disso, por que será que as pessoas marcam lá que vêm e não aparecem? (Presidente da AHCCH)

– Querida, entendo a sua angústia constante, mas não dá pra se basear muito pela chamada *on-line* do evento, as pessoas mostram interesse lá e não aparecem, é comum. Mas nós sabemos também que muita gente espera chegar aqui e ver uma horta clássica, com os canteiros retos e cheios de frutas, legumes e verduras conhecidas... Nem todo mundo entende o que é isso aqui e quer participar de uma ideia de horta diferente, como é a Formiga. Várias pessoas já vieram e nunca mais voltaram, você sabe bem... (ahaha! (Presidente da voluntária 1)

– Sim, eu sei... E como tu acha que a gente poderia comunicar melhor o que é a Horta da Formiga? Explicar que o terreno é complicado pra fazer uma horta convencional, mas que aqui a gente faz um movimento muito importante pra cidade, mesmo com tantos desafios? Eu só sigo na presidência da associação por acreditar muito nesse potencial, mas, muitas vezes, sofro com esse pouco engajamento. (Presidente da AHCCH)



– Nós já lançamos alguns textos e, sempre que aparece alguém aqui pra conhecer, explicamos que aqui a noção de horta é diferente, né? Não sei o que a gente poderia fazer pra estimular mais participação, engajamento e apoio da comunidade, sinceramente... Já faz um tempo que o grupo mais fiel de trabalho aqui diminuiu, né? As pessoas cansaram do desafio, não veem sentido, sei lá... (voluntária 1)

A voluntária vai para a composteira, a Presidente continua varrendo e pensando sobre os desafios e inquietações, segue o trabalho.

Agricultura e laços comunitários na selva de pedra

O que motiva um grupo de voluntários a buscar terrenos ociosos para construir hortas coletivas urbanas e resistir nesse movimento, mesmo diante de diversos atravessamentos desmobilizadores? A formalização da Associação das Hortas Coletivas do Centro Histórico (AHCCH) ocorreu no ano de 2016, por um grupo de vizinhos do bairro Centro Histórico (CH), em Porto Alegre (POA), RS. A atual presidente da AHCCH postou, despretensiosamente, em um grupo *on-line* de vizinhos na rede social Facebook®, que tinha o sonho de ocupar terrenos ociosos com hortas urbanas coletivas e comunitárias. Imediatamente, várias pessoas manifestaram o mesmo desejo e apoiaram a ideia. A partir da adesão, o grupo se encontrou, presencialmente, e deliberou sobre os encaminhamentos necessários à formalização da associação. Era o início de um grande e constante desafio para esse grupo de voluntários.

O bairro CH, em POA, é circundado por universidades, prédios públicos, parques e comércio. Esse bairro é habitado por uma população de classe média composta por muitos moradores que residem há gerações na região e também por muitos estudantes, devido ao fluxo populacional provocado pela demanda universitária do entorno. Habitam também a região muitas pessoas em condição de vulnerabilidade e em situação de rua. Essas pessoas encontram, na circulação pelo centro, os meios para sobreviverem com doações e suportes institucionais. Algumas organizações que oferecem apoio a essas populações também têm sede na região. Assim, pode-se perceber, nesse território, muitas complexidades inter-relacionadas.

A cidade de POA, assim como diversas capitais brasileiras, conta com muitos terrenos públicos e privados ociosos, os quais poderiam ser cedidos, ainda que temporariamente, para que iniciativas sociais relevantes fossem implementadas, como hortas coletivas e comunitárias. A AHCCH vem lutando, desde 2016, por acesso a terrenos públicos com essa finalidade, mas, até o momento (ano 2020), ainda não obteve sucesso com a busca. Entretanto, no ano de 2017, a Associação recebeu o convite para ocupar um terreno privado, em regime de comodato (contrato de concessão temporária), e fazer a sua primeira horta piloto. O desafio foi aceito e, desde então, o espaço tem se configurado como uma horta urbana que existe para além da noção tradicional de agricultura, vinculada ao plantar e colher, pois se tornou um laboratório de experiências inserido em um ecossistema social.

Como motivação fundamental, a AHCCH declara, em seu estatuto de formação, o objetivo central de “criar e manter hortas urbanas comunitárias com princípios de manejo ecológicos no bairro Centro Histórico, em Porto Alegre. Através da implantação nesses espaços urbanos compartilhados de atividades relacionadas à saúde e à natureza, visa-se fortalecer o espírito de comunidade e promover transformações positivas para todos os moradores do bairro, direta ou indiretamente”. Diante de muitos desafios cotidianos, a primeira experiência de horta para AHCCH, alinhada a esse objetivo, foi denominada Horta da Formiga (HF), configurada no espaço ilustrado pela Figura 1.

Figura 1. Horta da Formiga

Fonte: Registros de visitantes – Postagens da AHCCH no Facebook®

Breve história da Horta da Formiga

No processo de busca por um terreno ocioso, surgiu um convite, no ano de 2017, para que a AHCCH ocupasse (em condições temporárias preestabelecidas) um pequeno espaço de terra privada, que foi designada em herança, e cujos interesses dos herdeiros não seriam vender ou construir, mas ceder para um movimento social compor uma horta. A intermediação entre as partes foi feita por um voluntário da AHCCH, à época, que conhecia a família proprietária e soube do interesse na cedência.

Devido ao amplo desejo do grupo da AHCCH de estruturar a primeira experiência de horta coletiva, o desafio foi aceito, e as partes firmaram um contrato de comodato. De início, se discutiu sobre ocupar um espaço privado e o possível conflito com os desejos dos voluntários, mas, nos debates, chegou-se a um consenso de que aquela seria uma experiência piloto necessária. Para realizar a ocupação do terreno como HF, da forma mais comunitária e coletiva possível, a AHCCH convocou, por redes sociais e interações pessoais com vizinhos, em abril de 2017, uma conversa aberta na Escadaria da Rua João Manoel (Figura 2), patrimônio público de POA, ao lado da qual está situado o terreno em questão.

Figura 2. Conversa coletiva na Escadaria da Rua João Manoel

Fonte: Ana Paula Monjeló Barcellos – Postagens da AHCCH no Facebook®

A AHCCH entende, desde o início, a necessidade de integração comunitária e esforço coletivo para conectar relações sociais como cooperação, solidariedade e respeito mútuo ou mesmo diferenças de opiniões na vivência pela agricultura urbana (AU). Essa prática coletiva permite a

realização de um trabalho contra a alienação das pessoas, decorrente dos padrões urbanos da vida social, oferecendo a oportunidade de refletir sobre espaço urbano e as suas múltiplas problemáticas.

Nessa primeira reunião coletiva, foi possível identificar a multiplicidade de olhares e questões que estariam entrelaçadas à composição da HF naquele espaço e que seguem permeando as discussões até o momento de escrita deste caso. Dessa forma, foram apresentados, pelos presentes, questionamentos sobre as múltiplas noções de coletividade, de comunidade, gentrificação, acesso, direito à cidade, relação com pessoas em situação de rua, entre tantas outras pautas possíveis. Sobre a questão das pessoas em situação de rua, ressalta-se que, até aquele momento de entrada da AHCCCH no terreno, havia pessoas em situação de vulnerabilidade que ocupavam o espaço. Teve-se, naquele momento, uma questão estrutural social com a qual seria necessário interagir para a transição dessas pessoas, que já não poderiam mais viver no terreno. Esse fato, desde o início, sinalizou para a AHCCCH o núcleo de tensão e contradição social no qual a HF se constituiria.

Eu acho que o “movimento X” e a Horta nunca tiveram uma boa comunicação desde a primeira reunião, dois meninos do “movimento X” que foram os únicos que se colocaram se colocaram bem contrários à horta, acho que nesse pensamento da higienização, da gentrificação, vendo aquele movimento por essa perspectiva, né? (voluntário(a)).

Acho que a comunidade aceita. A comunidade entende que tendo uma horta ali... O local fica ocupado. Se está se invadindo o local, é porque está abandonado. Se houver um engajamento todo para conscientizar sobre a possibilidade da agricultura urbana, a maioria das pessoas compreenderá que é melhor uma horta ali do que ter um terreno abandonado e cheio de lixo invadindo o local (voluntário(a)).

É diante desse desafio que a AHCCCH tem a missão de lidar com a dificuldade geográfica do terreno (solo, pouca iluminação, estrutura íngreme) e com as questões sociais que orbitarão o movimento, que são parte constitutiva da contradição na qual a AU se insere, pelas complexidades da cidade e da vida em sociedade. Assim, ao mesmo tempo em que a AU busca responder a uma questão problemática da vida nas cidades e suas consequências, acaba por inserir-se também em contradições. Dessa forma, no interior dessas problemáticas que buscam diálogo e conciliação, se constitui o ecossistema social no qual a HF está imbricada desde o ano de 2017.

A HF se inicia com o envolvimento dos voluntários nos mutirões de limpeza inicial do terreno. Parte das pessoas que estiveram na reunião-debate na Escadaria seguiu apoiando, outra parte optou por não participar. Foram necessários muitos encontros para retirada do lixo que se acumulou no espaço ao longo do tempo de abandono, cerca de 15 anos. Após realizada a limpeza, os voluntários começaram a pensar como seria possível configurar uma horta no espaço, dadas as dificuldades geográficas existentes. Os recursos financeiros para essa finalidade foram também atribuídos à AHCCCH no contrato de comodato, dessa forma, isentando a família cedente de uma maior obrigação nesse sentido. A empolgação inicial com a configuração da horta piloto se apresentou, finalmente, como desafio para articulação necessária de pessoas e esforços que pudessem, no compartilhamento de diversas *expertises* e doações, contribuir para pensar o projeto HF.

Eu acho que o grupo, pelo que eu vejo ali no Whatsapp®, tem muitas pessoas, mas poucos que, realmente, vêm. Esses que vêm são superengajados, e eu vejo que se tornou uma coisa carinhosa, né?, que são pessoas que têm carinho umas pelas outras, que se apoiam e que acreditam nisso e que estão ali juntas, né? [...] Eu acho que tem tudo pra dar certo, tem “a faca e o queijo na mão”, eu acho que a expectativa é que superflua, que vá, que vai acontecer! Tá lindo, né? Na verdade! Tá demais! [risos] eu estou superempolgada! Eu acho que vai dar supercerto, as expectativas são as melhores (membro da família).

Esforços para engajamento comunitário

Os voluntários da AHCCCH estabeleceram uma dinâmica semanal de mutirões na HF, que seguem ocorrendo regularmente (o ano de 2020, com uma pausa longa por conta da pandemia de Covid-19, permitiu apenas visitas pontuais para checar as condições do terreno e do quartinho de ferramentas). Em paralelo a esses cuidados, os voluntários entenderam que precisariam estabelecer uma comunicação com os vizinhos do entorno e transeuntes do centro para que perdessem o medo de circular pela Escadaria que margeia a horta. O receio de andar pela Escadaria dava-se, essencialmente, pela pouca iluminação do lugar, alguns núcleos de tráfico de drogas e local de abrigo para pessoas em situação de rua.

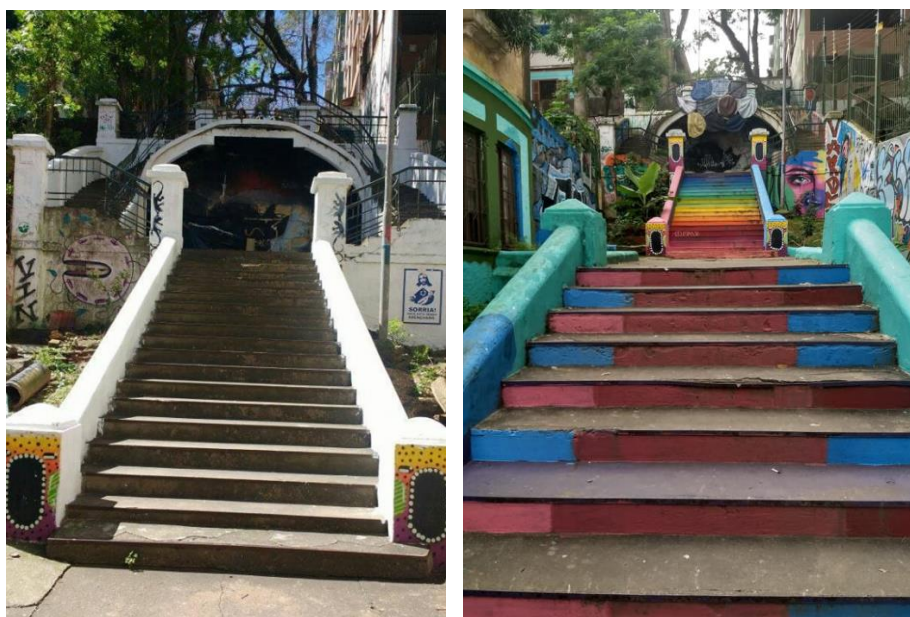
Buscando responder a esse que se mostrou um problema crucial para a Horta, já que as pessoas precisariam subir ou descer a Escadaria para chegar ao portão do terreno na lateral, foram realizados, no ano de 2017, dois eventos convocados pela AHCCCH, com o apoio de diversos parceiros e artistas, cujo mote era “Vem sem Medo para a Escadaria”. Nesses encontros, atividades culturais foram realizadas nos degraus da Escadaria, com música, cinema, brechós, comidas e falas das lideranças sobre a relevância de circular por aquele espaço público para que se perdesse o medo e se criasse um fluxo que deveria ser de todos que desejassem passar por ali. Essa chamada para circulação na Escadaria sem medo foi inclusive reconhecida por pessoas em situação de rua, que relataram aos voluntários da HF que eles também estavam se sentindo mais seguros com a presença de pessoas por ali. Embora algumas pessoas se incomodem com a existência da Horta, reclamem de barulho nos fins de semana, por conta dos mutirões e por conta de maior trânsito na Escadaria, a maior circulação de pessoas apresentou-se benéfica.

O pessoal do entorno é muito pouco preocupado. Falta abordagem ou não, mas eu acho que isso é um problema cultural, também, das próprias pessoas, porque elas têm as suas responsabilidades. Tipo assim... Ou elas não querem movimento, talvez, na Escada... Porque ali tem festa, tem barulho, não sei... Tem várias coisas, ou não querem que chamem pessoas de rua para ali (voluntário(a)).

O morador de rua, pra nós, a gente sempre quis, desde o começo, integrar ele, mas a gente não tem nenhuma prática, a gente não sabe como chegar nessas pessoas, a gente teve vários moradores de rua que colaboraram com o projeto, a gente teve moradores de rua que atrasaram o projeto, atrapalharam porque ali era o lugar deles, ali era... Eles chegaram antes de nós lá! Só que... Como lidar com isso? A gente não sabe. A gente nunca soube e nós não fomos, nem um pouco, capacitados pra lidar com isso. E as tentativas que a gente tentou fazer com o poder público, com outras ONGs e tal, nunca foram muito

efetivas. Enfim, acho que esse foi o maior problema que a gente teve assim, de contradição, foi o que fazer com eles, que são donos daquele espaço antes de nós e a gente está invadindo o lugar deles. Isso eu acho que sempre foi um problema muito sério, e a gente não soube resolver e acho que nunca saberemos! (voluntário(a)).

Figura 3. Reconfiguração da Escadaria



Fonte: Registros de visitantes – Postagens da AHCCH no Facebook®

Essa ocupação da Escadaria, junto com outras iniciativas, foi realizada em paralelo com os mutirões. No início de ocupação, o avanço na melhoria da estrutura do terreno era ainda lento, devido aos custos financeiros orçados para que patamares e canteiros pudessem ser construídos e, assim, a Horta pudesse se configurar minimamente. O grupo da AHCCH compreendeu que precisaria identificar, para além do pedido de doações, formas de arrecadar recursos financeiros. Nesse esforço, editais de incentivo a movimentos sociais, voltados ao incentivo de aspectos como a sustentabilidade, começaram a ser mapeados. A aplicação de um projeto inicial foi realizada, e a HF foi contemplada com um recurso de R\$ 30 mil, de um fundo socioambiental, apoiado por um banco público. O dinheiro foi liberado em parcelas, e o projeto, executado entre 2018 e início de 2020.

Esse recurso foi utilizado, essencialmente, para duas demandas centrais: o primeiro uso focou a reformulação estrutural do terreno e o segundo, a oferta de oficinas, eventos e outras interações de engajamento da comunidade no projeto. Em meio a esses anos de atividade na Horta, o diálogo com diferentes entes de apoio sempre foi buscado: poder público, comunidade do entorno, pessoas em situação de rua e associações de apoio à vulnerabilidade, empresas, movimentos de agricultura urbana na cidade, universidade e outros. Entretanto, o fortalecimento das relações com esse ecossistema social mostrou-se uma preocupação complexa contínua. Os cuidados com o terreno tornaram-se cada vez mais difíceis, por contarem apenas com o tempo de alguns voluntários; além disso, não há recursos financeiros para arcar com a manutenção necessária.

Se tivesse uma ajuda financeira, um valor “x” que a gente pudesse ter alguém trabalhando lá, direto, e essa pessoa poderia, por exemplo, dar oficinas pra comunidade... Mas teria que ter um valor “x” pra isso, a gente poderia dar oficina, plantar, preparar o terreno adequadamente, como nós queríamos fazer lá no começo, tu poderia ter pessoas em situação de rua trabalhando contigo lá (voluntário(a)).

Acho que tá todo mundo tentando se ajeitar ainda, ninguém quer perder ideia. O grande movimento, pensando no grupo todo, eu acho que tem algumas pessoas que gostam muito de mexer com planta e que querem fazer isso e que vão tentar continuar porque, justamente, querem ter esse convívio com as pessoas e querem ter um contato com a terra e produzir e acreditam nisso que, independente do que acontecer, vão continuar lá, né? (voluntário(a)).

Figura 4. Horta da Formiga em 2020



Fonte: Registros de visitantes – Postagens da AHCCH no Facebook®

A complexidade da agricultura urbana vista na Horta da Formiga

A HF é uma iniciativa que pode ser compreendida como um laboratório social, pois, pela interação que se tem no espaço e em tudo que o orbita, é possível perceber as muitas contradições da vida em sociedade imbricadas no cotidiano do CH de POA. A AU coletiva, de uma maneira geral, busca responder a algumas questões sociais vistas como necessárias. Entretanto, a depender de onde se localiza a horta, como ocorre a ocupação dos terrenos e quem participa, pode acabar reforçando contradições como exclusão de alguns grupos, entre esses, pessoas em situação de rua. A ocupação de terrenos que poderiam servir para moradias sociais também é questionada. Isso faz com que exista um constante desafio de conciliação dessas contradições e busca por maior engajamento comunitário. São muitos os perfis de agentes que podem interagir pela AU como movimento coletivo e, por isso, há sempre o desafio de como estabelecer diálogos e processos de transformação em conjunto.

Aqui, se tu for ver aqui, o bairro, dá pra dividir em grupos de pessoas que moram. Os idosos, que moram e apoiam, muitas vezes sem ir, dão o “ok”, o jovens que apoiam e é muito... Não sei se tu já leu o Bauman, que é a Modernidade Líquida... Então, hoje tu tá apaixonada e amanhã tu não tá apaixonado. [...] Então, assim, a persistência, talvez, seja a resposta pra isso,

não deixar, não desistir, tu vai encontrar pessoas que vão ir e que vão voltar e é natural isso. Nada tá errado. E vai ter isso, vai continuar tendo isso, vai ter surgido pessoas e vão desaparecer, uns vão ficar, outros não vão, outros vão demorar mais pra ir. É normal isso (voluntário(a)).

São múltiplos os sentidos atribuídos à AU, mas, em geral, as questões relacionadas à alimentação têm uma predominância no interesse das pessoas que aderem a essa prática. Por conta disso, a HF, em sua configuração pouco convencional de canteiros e produção, tem dificuldades para se fortalecer como horta urbana e destacar sua relevância como movimento. Embora a HF não se configure em padrões esperados, especialmente dadas as condições geográficas estruturais do terreno, a sua existência permite que diversas pautas que orbitam as questões de cidades, e que podem ser debatidas via AU, estejam presentes ao menos na sua região de atuação: ocupação consciente das cidades, pessoas em situação de rua e em vulnerabilidade, vagando pelo centro sem alimentação e sem uma atividade, resgate de laços sociais comunitários, entre outras.

As práticas de AU são também atreladas ao discurso da sustentabilidade ambiental, já que ela permite o aumento de zonas verdes, que contribuem para o alívio das ilhas de calor nas cidades e o consequente enfrentamento da mudança climática decorrente da poluição, ou mesmo como meio para que as cidades se tornem mais “resilientes” no enfrentamento das crises urbanas. Entretanto, em contraposição, se destacam tantas outras contradições sociais existentes nos centros urbanos e a complexidade da qual decorrem as suas insustentabilidades, como a vulnerabilidade de pessoas em situação de rua, o distanciamento comunitário em prol dos espaços coletivos e a pouca preservação dos espaços naturais.

Os voluntários da AHCCH, mais atuantes, levaram também um tempo considerável para respeitar os limites do espaço e tentar compreender a mensagem que o ecossistema social comunica com os tensionamentos vividos no processo de implementação da HF e encaminhamentos de suas atividades. Na HF, é possível verificar o duplo caráter da AU: um caráter mais entusiasta das práticas e outro mais crítico, que coexistem na tensão do ecossistema social em questão.

O Brasil está meio tenso. Então, tu vai encontrar pessoas que vão ali... Quando tu faz uma reunião, eu sempre gosto de deixar todo mundo falar, e não dá pra levar para o pessoal! Vai ter sempre o cara do condomínio que é o cara que é contra tudo! Vai ter o outro que está esperando um grande amor aparecer, vai ter o outro que vai descer, que vai apoiar de tudo, daqui a pouco vai sumir. E é normal! (voluntário(a)).

Considerando os aspectos destacados, são evidenciados os correntes e constantes desafios de articulação enfrentados pelos voluntários da HF para que o movimento resista em busca do objetivo e da missão social que a AHCCH se propõe a atender, via AU. Essas questões inquietantes estão sempre em pauta nas discussões do grupo.

Uma pausa para o lanche no meio do mutirão

Há sempre algum momento de descanso para um lanche coletivo no meio dos mutirões. Naquele instante, o grupo de cinco pessoas se juntou, e a Presidente da AHCCH retomou a conversa iniciada com uma das voluntárias.

– Pessoal, estávamos falando mais cedo sobre essa coisa de tanta gente confirmar presença nas chamadas para o mutirão no Facebook® e não aparecer aqui... O que vocês acham que precisaria ser feito para que as pessoas realmente viessem? (Presidente da AHCCH)

– Bom, estou aqui pela segunda vez e acredito que talvez seja preciso articular melhor a importância da Horta da Formiga junto aos diferentes grupos que possam ajudar na visibilidade, não sei... Poder público, vizinhança, negócios próximos, escolas, universidades, pensar em uma forma de articular isso... Sei que vocês já tentam fazer, mas acho que é preciso algo mais definido (voluntária 2)

– Eu concordo, acho que só postar nas redes sociais não vai alcançar isso de articular diferentes forças pela Horta...H (voluntário 3)

– Sim, concordo, são muitos desafios aqui, é difícil responder só com as ações semanais de cuidado e mutirões, precisaria de algo mais sólido e articulado...” (voluntário 4)

– E se a gente tentasse pensar nos nossos desafios principais agora e discutir no próximo mutirão, com lanche coletivo? Eu trago o bolo de cenoura! Ahahaha! É bom pensarmos juntos. Muitas coisas estão presentes desde sempre, né?, outras vão aparecendo a cada dia... (Presidente da AHCCH)

– Ahahaha! Ótima ideia! Vou anotar aqui... (voluntário 3)

– Eu começo... Anota aí esses desafios: dificuldade de acesso a recursos financeiros; fortalecimento e consolidação do engajamento comunitário... (Presidente da AHCCH)

– Hum... Mobilização efetiva de interessados em voluntariar... (voluntário 4)

– Acho que também é desafio a estruturação física onde ocorrem as atividades (voluntária 2)

– Sim... E articulação efetiva de parcerias; comunicação com a comunidade do entorno... (voluntária 1)

– Ah, acho que uma coisa bem importante é pensar na falta de coesão quando o grupo de voluntários aumenta (voluntário 4)

– Bah! Essa é muito importante também! ahahaha! (Presidente da AHCCH)

Riso coletivo, segue o lanche, alguém fala sobre uma planta...

No final da tarde, após o mutirão bastante produtivo na HF, estão sozinhas, sentadas na Escadaria, a Presidente da AHCCH e a voluntária com quem, inicialmente, compartilhou as inquietações:

– Fiquei pensando sobre as questões apontadas pelo grupo na hora do lanche... Isso aqui é um laboratório social, como falamos, moas é também um ecossistema social, a meu ver... No fim das contas, acho que temos alguns desafios centrais para focar no fortalecimento do movimento. Vê se fazem sentido pra ti essas questões: Como podemos aprimorar as coalizões que já fazemos e buscar outras? Como podemos ajustar a comunicação nos diversos canais e também nas nossas relações pessoais? Outro ponto que pensei foi: Como repassar aos nossos voluntários e apoiadores a credibilidade do nosso movimento? E, nesse processo todo, como lidar melhor com as mudanças, as contingências, né?, que nos desafiam? Nossa! Sim... Essas tuas questões são uma boa síntese dos desafios! Fazem total sentido pra mim essas questões que tu trouxe. Precisaremos de discussões coletivas para pensarmos sobre cada um desses pontos... (voluntária 1)

ANEXO I: A PROPOSTA DAS HORTAS COLETIVAS URBANAS

A AU, como fenômeno que tem alcançado mais espaço na contemporaneidade, surge nas discussões quando se trata de diversas questões, seja a necessidade de espaços para o cultivo de alimentação saudável, combate à fome em alguns lugares, configuração de espaços terapêuticos para pessoas com questões de saúde mental ou mesmo espaços para empoderamento comunitário, podendo ser destinados a públicos específicos, como mulheres em situação de violência doméstica ou mesmo egressos do sistema prisional em processo de ressocialização. Em geral, para essas finalidades ou outras similares, a AU se configura a partir de hortas coletivas e comunitárias.

As hortas ou jardins coletivos urbanos podem se constituir em terrenos públicos ou privados. Nesses espaços, diferentes tipos de cultivos podem ser realizados, desde plantas decorativas a vegetais alimentícios, tais como hortaliças, frutíferas, plantas alimentícias não convencionais (PANCs), até mesmo a criação de pequenos animais, em alguns casos. Entretanto, esses não são apenas núcleos para a prática da agricultura, mas campos de interação interna e externa mútua, afetada pelas particularidades do espaço urbano. Uma das características principais das hortas coletivas é a junção de pessoas com diferentes interesses e motivações que podem ser representados nessa integração. Por ser um movimento coletivo e plural, permite o compartilhamento de inquietações diversas e exercício necessário da tolerância.

Embora as hortas coletivas urbanas possam ser parte de um processo de empoderamento da comunidade, isso também pode ter um lado negativo, como a transferência de certas responsabilidades do Estado para os indivíduos. Em torno do trabalho desenvolvido nas hortas coletivas urbanas, são criadas diversas novas relações sociais que levam a um compartilhamento de energia comunitária, seja em regiões mais centrais ou periféricas das cidades. Núcleos de resistência social são constituídos nesse processo, fortalecendo vínculos e quebrando padrões de distanciamento coletivo rumo a possibilidades transformadoras da realidade local.

O fortalecimento da cidadania urbana encontra lugar nos vínculos desenvolvidos nas hortas coletivas, permitindo que o sujeito, antes atomizado, desenvolva um espaço de afetividade e intervenção social, resgatando ou descobrindo o potencial das interações em coletividade para a agência individual, mas conjunta, mesmo que seja por meio de um vetor como a agricultura, que em um primeiro momento parece limitada apenas às práticas de cultivo.

As atividades realizadas nas hortas coletivas urbanas contribuem para a reflexão sobre o encastelamento dos moradores das cidades, sejam em casas ou nos cada vez mais comuns condomínios residenciais. A vivência nas hortas coletivas permite também o encontro com uma dinâmica terapêutica de ocupação do tempo, uma fuga para um espaço no qual o tempo parece correr em outra frequência se comparado à lógica frenética padrão das cidades. A ocupação dos espaços ociosos põe em evidência a necessidade de discussão sobre como se dá a lógica de ocupação e apropriação dos espaços urbanos.

Em regiões metropolitanas nas quais as comunidades mais vulneráveis estão presentes, as hortas coletivas funcionam como núcleos de acolhimento e trabalho conjunto para a redescoberta do cultivo de alimentos nas cidades e a possibilidade de abastecimento de alimentos diversos e saudáveis que foram, ao longo do tempo, substituídos pelos padrões alimentares industrializados. Conforme as composições desiguais das cidades, o grau de integração comunitária nas hortas coletivas variará, denunciando a estrutura social anterior a esses movimentos e que merece ser repensada, também, a partir dessas coletividades.

Embora o papel comunitário seja preponderante para a configuração desses espaços, a responsabilidade de outros agentes é também fundamental, como públicos governos, no que diz

respeito à concessão de terrenos ociosos públicos ou mesmo à conscientização dos proprietários de terrenos ociosos sobre a relevância social da cedência do uso, ainda que temporária, para a constituição de hortas coletivas urbanas. Essa experiência coletiva, ainda que limitada, indica um grande potencial de mobilização social escassa ou isolada na contemporaneidade. É considerando a relevância desses espaços que a HF tem se mantido como um movimento fundamental no CH de POA.